



O Sistema do Cadastro Ambiental Rural de São Paulo



Para implantar seu próprio cadastro ambiental rural, o Governo do Estado de São Paulo optou pela cooperação técnica com a União, uma atitude que já apontava que queria tratar de forma diferente a regularização ambiental imposta pelo Novo Código Florestal.

No Estado, as Secretarias da Agricultura e Abastecimento e do Meio Ambiente trabalharam juntas e em 5 de junho, durante a comemoração do dia do meio ambiente, lançaram o Sistema de Cadastro Ambiental Rural (SiCAR/SP). O objetivo foi colocar à disposição dos produtores paulistas um sistema eletrônico próprio, simples de usar e com qualidade de imagem.

O próximo passo foi divulgar o SiCAR pelo Estado. Em eventos dos quais participaram os secretários Bruno Covas e Mônica Bergamaschi, técnicos mostraram como utilizar o sistema ao mesmo tempo em que tiraram dúvidas e receberam sugestões.

Foi assim em Sertãozinho, em 30 de agosto, no auditório da Canaeste, Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo, com a participação da ABAG/RP, representantes de cooperativas e associações de produtores rurais, além de sindicatos, prefeituras e órgãos ligados ao meio ambiente. O que se percebeu foi que ainda há muita incerteza e insegurança em relação à nova legislação e como se dará o processo de regularização da produção no campo.



Rubens Rizek, secretário adjunto do Meio Ambiente e Mônica Bergamaschi, secretária da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em evento do SiCAR/SP

De fato, o produtor rural tem se deparado no dia a dia com orientações conflitantes e distintas de uma mesma autarquia e do poder judiciário, dificultando o exercício da sua principal atividade. Fica claro, portanto, a necessidade das decisões administrativas e judiciais serem uniformes e que os dispositivos legais sejam aplicados respeitando-se a legislação em vigor.

Para Ismael Perina, produtor rural, Diretor da Coplana, Cooperativa Agroindustrial, o sistema paulista tem que ser elogiado, mas ainda existem muitos pontos controversos na nova legislação ambiental, muita interpretação distinta, que estão fora do alcance da regra paulista, e lembrou no plenário: “apesar de a base do sistema paulista ter sido muito bem elaborada agora é hora de paciência, de esperar pareceres oficiais e, na dúvida, procurar as associa-

ções, sindicatos, cooperativas para que essas declarações sejam feitas de maneira correta, para que lá na frente não existam problemas ou pendências”.

Para a Diretora Executiva da ABAG/RP, Patricia Milan, o momento agora é do produtor rural não tomar medidas contrárias à nova lei, buscar orientação junto a seus representantes e se familiarizar com o sistema apresentado pela Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo. Realizar um diagnóstico prévio da propriedade rural e estar bem informado trará maior segurança na hora do cadastramento.

Apesar de o SiCAR/SP estar no ar desde junho (www.ambiente.sp.gov.br), o prazo previsto no Novo Código Florestal, de 1 ano, para o cadastramento das propriedades rurais só conta a partir da data da publicação do ato da Ministra do Meio Ambiente implantando o CAR Federal. Segundo a secretária da Agricultura e Abastecimento, Mônica Bergamaschi, o sistema paulista, além de mais simples, foi elaborado pensando ao mesmo tempo em conservação, preservação e produção. “Desde a sua concepção até a atual fase de reuniões com os produtores rurais, prefeituras, instituições e órgão públicos, São Paulo teve a preocupação de ouvir quem vai ser afetado pela nova legislação ambiental brasileira e procurar levar esses anseios para compor o Sistema Paulista do Cadastro Ambiental Rural”, disse a secretária.



Auditório lotado na Canaeste, em Sertãozinho

Caminhos da competitividade do a

Grandes temas têm sido debatidos ano a ano no Congresso Brasileiro de Agronegócio, CBA, realizado pela ABAG, e não foi diferente em sua 12ª edição realizada no início de agosto. Dessa vez palestrantes renomados e um seletor público, formado por empresários e executivos do agro brasileiro, das mais diversas cadeias produtivas, se detiveram a discutir a logística e a infraestrutura sob a ótica da competitividade do agronegócio.

Em 2012, segundo o Ministério dos Transportes, apenas 0,42% do Produto Interno Bruto, PIB, foi investido em infraestrutura e logística, enquanto a China investiu 10,6%, a Índia, 8% e a Rússia, 7%. Sessenta por cento da safra brasileira de grãos é transportada por caminhões, que rodam em estradas precárias segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte, DNIT, e chegam a portos que no ranking de qualidade do Fórum Econômico Mundial ocupam a posição de número 130 entre 142 nações. Na armazenagem a capacidade estática de estocagem nas fazendas brasileiras é de 15%, enquanto na Argentina é de cerca de 40% e nos EUA, 55%.

Esse “resumo da opereta logística do Brasil” permeou os painéis de discussão que foram montados de forma a mensurar como a deficiência da infraestrutura de transporte e armazenamento incide nos custos do agronegócio e como isto pode impactar o desenvolvimento e a competitividade do setor. Por exemplo, a soja brasileira que é exportada para a China sai do centro-oeste 10% mais competitiva que a americana e chega ao destino 10% mais cara.

A pergunta central do congresso foi como o Brasil pode responder às demandas mundiais pelo aumento da sua produção de grãos, energia e fibras convivendo com



uma infraestrutura ultrapassada. A resposta foi: é preciso ser mais competitivo na logística e começar a repensar a forma como o setor vai fazer crescer sua produção. Se até agora o setor andou sozinho, fez seu papel “apesar de tudo”, não há como perder mais tempo com burocracia e falta de política setorial, é preciso fazer acontecer.

O presidente da estatal EPL, Empresa de Planejamento e Logística, Bernardo Figueiredo, demonstrou como o governo está tentando colocar a “logística nos trilhos”. Agora, disse Bernardo, “existe uma integração de obras, metas a serem cumpridas e um cronograma de trabalho”. A cobrança feita a ele foi sobre a necessidade de fazer a gestão dos projetos e, acima de tudo, a vontade política em fazê-lo. Não houve uma resposta clara. Segundo o

presidente da ABAG, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, existe um atraso de 30 anos na infraestrutura brasileira e tudo o que o governo aponta de solução é para depois de 2014. É preciso senso de urgência, disse ele, e, por enquanto, ocupar da melhor maneira possível o que já existe.

Os caminhos da competitividade passam por outras discussões para tentar nortear a produção em si. Evaristo de Miranda, hoje na Coordenadoria da Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais da Presidência da República, revelou dois universos que devem ser pensados na ques-



Autoridades, empresários e executivos do agronegócio brasileiro no CBA

Agronegócio: para onde ir e como ir



Luiz Carlos Corrêa Carvalho faz a abertura do 12º CBA



Ferrovias Norte-Sul, próximas a Goianésia, GO, revelam o descaso com a questão do transporte no país. Trilhos já colocados não poderão ser usados, pois o aterro está cedendo.



Caminhões de soja enfrentam os desafios das esburacadas estradas no Centro-Oeste

tão da ocupação e uso das terras no Brasil: o já ocupado e o a ser ocupado. Até agora o que se enfatiza é o ganho de produtividade, através do qual a agricultura brasileira chegou aonde chegou, mas alertou: “A ocupação de novas áreas (também) deve fazer parte das discussões estratégicas do setor”. A área já ocupada está diminuindo em quase dois milhões de hectares por ano, segundo estudos da Embrapa Gestão Territorial, e vai continuar diminuindo por conta de outras ocupações que estão sendo exigidas (áreas indígenas, quilombolas e áreas de proteção), sem esquecer o Novo Código Florestal. “Se você somar todas as propriedades rurais do Brasil em 1995 e somar todas hoje a conta resultará em 45 milhões de hectares a menos. Na região do centro oeste a área aumentou, mas o estudo mostra que globalmente a área agrícola perdeu 12%”, enfatizou.

Se o diagnóstico do CBA não revelou nenhuma novidade e nem grandes mudanças com relação ao que já havia sido debatido em edições anteriores do próprio Congresso, acendeu a luz vermelha, disse Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente da ABAG: “Duas coisas importantes ficaram claras: a primeira é que o setor se apercebeu que não existe no governo prioridades para o agronegócio, ou ele sobrevive com as próprias pernas ou vai naufragar. A outra é que este é um momento de crise, quando as pessoas tendem a se unir, e isso é um fato. Essas duas constatações nos levam a fazer um grande pacto para unir o setor e conceber um modelo de governança para fazer pressão no setor público. É preciso que sejam tomadas providências mínimas para que o agronegócio continue crescendo e fazendo o Brasil poder realmente existir na geopolítica mundial”.



Exposição de máquinas na Feira Agronegócios Copercana



Demonstração de campo na Feacoop

Cooperativismo - união que faz a feira, união que promove o desenvolvimento

Não por acaso as três das maiores cooperativas da região de Ribeirão Preto realizaram entre junho e agosto suas feiras de negócios, período do ano quando os agricultores preparam-se para a safra que se aproxima. Hora de conferir as novas tecnologias e de planejar os investimentos.

Com as feiras a intenção é unir todos os segmentos do sistema cooperativo em um único ambiente que potencialize as negociações. A união do sistema de crédito, assistência técnica e serviços para orientar nas aquisições dos insumos produtivos, além da aproximação de fornecedores com cooperados, permitem que o produtor rural tenha acesso às informações necessárias para melhor tomar suas decisões estratégicas.

Quem saiu na frente na realização de feiras foi a Coopercitrus, Cooperativa de Produtores Rurais, que em 2013 realizou a 14ª edição da Feacoop, em Bebedouro. Este ano foram cerca de 150 expositores na parte estática e inúmeras demonstrações na parte dinâmica, com destaque para as inovações voltadas para a cana-de-açúcar. Foi montada uma área de três hectares onde foi demonstrada a irrigação localizada, mudas pré-brotadas, agricultura de precisão, tecnologia de fertilizantes e máquinas especialmente desenvolvidas para a cultura. Nove mil pessoas, entre cooperados e visitantes, passaram pela feira.

A Copercana, Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo, aproveitou sua 9ª Feira Agronegócios Copercana, para comemorar os 50 anos da Cooperativa. O evento, em Sertãozinho, tem procurado a cada ano expor o que há de mais novo e eficiente no mercado de fertilizantes e defensivos agrícolas, maquinários e implementos para as lavouras de cana, amendoim, milho e soja, culturas que predominam nas propriedades de seus 6 mil cooperados, que

chegam em caravanas à feira. O que mais os atrai, são as novidades tecnológicas e o modelo de comercialização que além de preços negociados com fornecedores, tem vantagens adicionais e rapidez na hora de fechar negócio.

Em Jaboticabal, aproveitando a realização do 3º Encontro dos Produtores de Amendoim, a Coplana, Cooperativa Agroindustrial, realizou, sua 1ª Feira de Negócios, uma nova estratégia do setor varejo da Cooperativa para lançar produtos e fortalecer a venda de implementos, máquinas agrícolas e insumos. Uma parceria feita com cerca de 40 fornecedoras favoreceu a negociação e os novos produtos lançados com a marca Coplana surpreenderam - vão de botas de segurança à ração para cães e cavalos, passando por um vedante de pneus que previne a perda de pressão por furo. Mas a intenção maior foi estimular a participação do produtor no encontro de amendoim, um evento criado para compartilhar conhecimento, como o do uso do amendoim auto oleico apresentado este ano e que a cooperativa espera disseminar por toda região. A Coplana é uma referência na produção de amendoim altamente selecionado, o que abriu para o mercado brasileiro as exportações, principalmente, para a União Europeia.

Realizando feiras, as cooperativas esperam ir além da comercialização, querem estar mais próximas de seus cooperados e apresentar a eles novas tecnologias em produtos, manejos e gestão. É uma maneira coordenada de difundir sua doutrina que

é um instrumento de desenvolvimento econômico e social, um sistema que é voltado para as pessoas, que valoriza o trabalho e prega a igualdade - que existe apenas quando as oportunidades são difundidas.

Na edição anterior (130) a foto do jornalista Ricardo Boechat foi feita pelo aluno Igor Calil, da PUC de Campinas.



1ª Feira de Negócios da Coplana

Foto: Ricardo Carvalho